

Apresentação do Número pelos Editores Convidados

O *Tractatus Logico-Philosophicus* foi publicado, pela primeira vez, nos *Annalen der Naturphilosophie* de 1921. No ano seguinte, uma edição bilíngue alemão/inglês foi publicada pela Routledge e Kegan Paul, com uma tradução do alemão para o inglês de F. P. Ramsey e C. K. Ogden, e revisada pelo próprio autor. O livro ainda contava com uma polêmica introdução de B. Russell, a qual não agradou Wittgenstein, embora tenha sido fundamental para sua publicação.

Após 100 anos de interpretação e influências variadas, e já na lista de livros clássicos da história da filosofia, o *Tractatus* ainda desperta inúmeras controvérsias entre seus leitores. Tópicos de intenso debate incluem: a recepção de Wittgenstein de certas filosofias (em particular, as de Frege, Russell e Schopenhauer), o desenvolvimento da obra a partir dos *Notebooks 1914-16* e do *Prototractatus*, o papel da assim chamada “ontologia” descrita pelos aforismos iniciais da obra, a crítica à teoria dos tipos de Russell, o lugar da ética e da estética no arcabouço conceitual do livro, a autonomia e normatividade da lógica e seus limites, a natureza do sujeito metafísico, a discussão metafilosófica a respeito da natureza da filosofia, a distinção entre função e operação, a reflexão sobre filosofia da ciência, a natureza da negação, a relação da aritmética com a lógica, a noção de infinito e sua expressão por séries formais, o misticismo, o entendimento adequado da metáfora da escada, entre vários outros temas.

Em homenagem ao centenário de sua publicação, a revista *Analytica* acolheu a ideia deste número especial com trabalhos originais sobre o *Tractatus* de Wittgenstein.

Optamos por organizar os trabalhos selecionados em dois grandes eixos: um primeiro que trata das relações entre linguagem, normatividade e ética e um segundo que investiga articulações da linguagem com a lógica e a matemática.

Como editores convidados, é uma grande honra apresentar os trabalhos aqui publicados.

Abrindo o primeiro eixo sobre linguagem e ética, Luiz Henrique Lopes dos Santos retoma, em continuidade com seu influente estudo introdutório ao *Tractatus* de 1993 “A essência da proposição e a essência do mundo”, as relações entre o *Tractatus* e a tradição filosófica. Agora, Santos investiga o *Tractatus* a partir da apropriação do jovem Wittgenstein da filosofia schopenhaueriana. Em “**Sobre o jovem Wittgenstein e a filosofia crítica: Schopenhauer no *Tractatus***”, Santos defende que é possível reencontrar, ainda que com outra significação, inúmeras teses e movimentos da obra de Schopenhauer no *Tractatus*, e que se pode aprender muito a respeito da natureza singular do projeto crítico de ambos os autores a partir de um exame comparativo entre as duas filosofias, especialmente no que concerne às suas posições acerca de temas como o solipsismo e a ética.

Já, em “**Crítica e Ontologia no Tractatus**”, Marcelo Carvalho discute a leitura que faz o estudo introdutório de Luiz Henrique Lopes dos Santos dos aforismos iniciais do *Tractatus*. Tal leitura vê, nesses aforismos iniciais, as consequências ontológicas de um argumento transcendental cuja premissa é a concepção de figuração desenvolvida nos aforismos subsequentes. Em contraste com essa leitura, Carvalho sugere que talvez se possa entender esses aforismos iniciais como “uma investigação de toda normatividade, explicitando o vínculo entre necessidade e totalidade”, apontando, assim, para uma nova perspectiva de interpretação do *Tractatus* e de seus vínculos com a tradição crítica.

Em “**Sobre Linguagem e Ética**”, Camila Jourdan discute os pontos de contato entre ética, lógica e ontologia no *Tractatus*, levando em conta também a influência de Schopenhauer na primeira filosofia de Wittgenstein. Em seu artigo, Jourdan oferece também contribuições para a questão contemporânea dos desacordos profundos, sobretudo no âmbito da filosofia tardia de Wittgenstein e no que se refere, especialmente, a princípios éticos radicalmente distintos.

Rodrigo Lima, no trabalho intitulado “**From logic towards the mystical: the appearance of mysticism in Wittgenstein’s writings**”, defende uma leitura do *Tractatus* em que o alinhamento dessa obra com a tradição do misticismo filosófico é colocado em primeiro plano, em contraste com leituras que privilegiam o alinhamento do *Tractatus* com as tradições lógica e crítica. Desse modo, Lima busca desenvolver uma interpretação propriamente mística do *Tractatus* que faz a lógica ser tributária do místico e não o inverso.

Em seu “**O Caso Mauthner: O Tractatus, o Círculo Kraus e a Significatividade da Negação**”, Mauro Engelmann trata do contexto vienense do *Tractatus*, especialmente no que diz respeito aos vários significados do silenciar que poderiam ser atribuídos à ética tractariana. Com isso, Engelmann busca elucidar os motivos que Wittgenstein pode ter tido para afastar explicitamente, em 4.0031, o sentido que atribui à “crítica da linguagem” do sentido que atribui Mauthner à mesma expressão.

Na contribuição “**Satz als Bild und Satz als Maßstab: o desenvolvimento normativo de uma metáfora**”, Marcos Silva examina o incremento da metáfora de *Maßstab*, ora marginal no *Tractatus*, e cada vez mais central no seu período intermediário. Neste trabalho, Silva investiga o desenvolvimento da metáfora de réguas e a usa como um fio condutor para entender as mudanças de perspectiva do filósofo vienense relacionadas à determinação do sentido de proposições e à centralidade da normatividade da linguagem.

O artigo de João Vergílio Cuter, intitulado “**Negation**”, abre a parte sobre o segundo eixo temático deste número especial sobre o *Tractatus*, que tematiza as relações intrincadas entre linguagem, lógica e matemática. No artigo, Cuter defende que a negação no *Tractatus* é algo que se deve fazer para transformar uma proposição em outra. A negação é uma forma de (oper)ação, segundo Cuter, que não pode ser nem natural e nem meramente humana. Cuter defende que negar, no *Tractatus*, deve ser compreendido como uma ação atemporal e que a proposição negada deve ser tomada como um resultado de um processo atemporal de construção.

Paulo Faria, em sua contribuição intitulada “**This how things are**” propõe uma interpretação dos parágrafos §§ 134-6 das *Investigações Filosóficas*. Contra a leitura predominante, Faria argumenta que essas passagens contêm uma defesa, ao invés de uma rejeição, do núcleo da doutrina do *Tractatus* acerca da forma geral da proposição. O autor salienta a importância da estrutura anafórica do exemplo que Wittgenstein dá do uso, na linguagem ordinária, de uma variável proposicional. Faria conclui a sua discussão com um breve aceno à vulnerabilidade da fundação de cadeias anafóricas.

Anderson Nakano, em sua contribuição **“The number of things in the world and the autonomy of logic”**, ocupa-se da crítica que Mauro Engelmann faz, em seu livro recente intitulado *“Reading Wittgenstein’s Tractatus”*, às leituras metafísicas do *Tractatus*. O cerne dessa crítica consiste em dizer que tais leituras se comprometem com certas necessidades *de re* que são incompatíveis com a afirmação do *Tractatus* de que só há necessidade lógica. Nakano analisa o caso particular de uma suposta necessidade *de re*, a saber, o número de objetos no mundo, e sugere que Engelmann inconscientemente atribuiu ao *Tractatus* uma concepção da lógica que Wittgenstein, por sua vez, criticamente atribuiu a Russell e a Ramsey e que, portanto, não pode ser a sua. Nakano termina o artigo com um breve apontamento sobre como conciliar a autonomia da lógica com um número fixo de objetos.

Já Araceli Velloso revisita, em **“Wittgenstein’s construal of ‘numbers’ as ‘schemes’ and the color incompatibility problem”**, o clássico problema da incompatibilidade das cores com um duplo objetivo. Primeiramente, a autora busca esclarecer como e por que Wittgenstein ficou preso a esse problema. Em segundo lugar, Velloso busca elucidar alguns detalhes conceituais sobre a impossibilidade de se reduzir predicados de cores a unidades mais fundamentais envolvendo, por exemplo, matiz, brilho e intensidade. Ela mostra como números tinham que entrar na estrutura interna de proposições elementares e como Wittgenstein tentou fazer isso por meio da noção de esquema e de uma operação não vero funcional.

Em **“Elucidação, ostensão, acquaintance: como ler o aforismo 3.263 do Tractatus”**, João Lucas Pinto trata de um pretense paradoxo, na interpretação usual da referida passagem, entre entender uma proposição e o significado do nome. Ele propõe os requisitos mínimos de uma leitura mais bem-sucedida de 3.263, dentre os quais, ele defende, estarão a interpretação da elucidação como uma proposição genuína e o necessário reconhecimento de uma habilidade fundamental, por parte do destinatário da elucidação, de apreender a proposição elucidativa, o fato afigurado pela proposição e a forma lógica comum entre proposição e fato.

Rodrigo Sabadin defende, em sua contribuição intitulada **“O Logicismo de Frege e Russell e a Rejeição Tractariana de Classes: uma tentativa de elucidação de 6.031”**, que a noção de classe ainda tem um papel essencial a desempenhar no *Tractatus*. Sabadin defende que Wittgenstein rejeita um tipo específico de logicismo baseado em dois princípios: i) o uso de uma teoria lógica cujas variáveis estruturadas incorporam o que hoje chamamos de teoria dos tipos simples e ii) a análise de atribuições numéricas em termos de afirmações sobre conceitos que empregam conceitos de ordem superior exatamente análogos aos chamados quantificadores “numericamente definidos”.

Neste contexto, gostaríamos de expressar nossa gratidão a todos os participantes, que, em setembro de 2021, em meio à pandemia de COVID-19, prestigiaram o evento remoto sobre o centenário do *Tractatus*. Esse evento online deu impulso para o presente número especial. Agradecemos também aos que submeteram seus trabalhos e aos pareceristas anônimos que nos ajudaram a selecionar os artigos aqui apresentados e que mostram que a pesquisa sobre o *Tractatus* no Brasil continua robusta, seminal e fascinante.

Os editores convidados

Marcos Silva (UFPE)

Anderson Nakano (PUC-SP)